

# 1.

## Introdução

Lembro-me de quando fui apresentada aos escritos de João do Rio. Durante a graduação em Comunicação Social na PUC-Rio, muito me animou ao ver na grade curricular que, naquele semestre, um dos cursos seria o de Comunicação e Literatura. Inegavelmente, a empolgação era também fruto de outra formação, a licenciatura em Letras – habilitação Português/Literaturas – na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. A possibilidade de estudar algo que atrelasse as duas ciências despertou em mim grande interesse e curiosidade, naquela época mal sabia a relevância dos estudos interdisciplinares.

O espírito de pesquisadora ainda se escondia dentro em mim, mas o contato com um campo comum a duas áreas de conhecimento me impulsionou a procurar um grupo de pesquisa com essa base. A primeira apresentação a João do Rio já havia acontecido na referida aula de Comunicação e Literatura; no entanto, depois de uma agradável conversa, saí da sala do professor Renato Cordeiro Gomes – que logo se tornou meu orientador – cheia de indicações bibliográficas das produções do cronista e também sobre a cidade, que enfatizavam o Rio de Janeiro. Era 2005, dava meus primeiros passos na academia e não poderia imaginar que escavar esse universo se tornaria um dos meus principais objetivos.

Com o passar do tempo e com o estímulo proveniente da leitura sobre João do Rio, “o primeiro grande repórter brasileiro do início do século XX” (GOMES, 2005:11), e das próprias produções do escritor, a pesquisa ganhou uma diretriz. O propósito era analisar as representações do Rio de Janeiro na obra de alguém que incorporou a cidade na sua denominação mais usada.

João Paulo Alberto Coelho Barreto, nome de batismo do escritor, nasceu no Rio de Janeiro em cinco de agosto de 1881 e estreou na imprensa antes de completar seus 18 anos. Durante a carreira profissional, Paulo Barreto colaborou em diversos jornais e revistas da época como *A Tribuna*; *Gazeta de Notícias*; *Correio Mercantil*; *O Paiz*; *A Ilustração Brasileira*; *A Revista da Semana*; entre outros. Em seus textos,

João do Rio abordava desde assuntos como carnaval, dança e música até política, educação e questões indígenas.

A peculiaridade do escritor, no entanto, deu-se em virtude dos relatos que fazia do Rio de Janeiro. O pseudônimo João do Rio – usado por Paulo Barreto para assinar grande parte de sua obra e com o qual assinou todos os seus livros – revela sua forte ligação com a cidade, que era narrada em toda sua multiplicidade. Como escreveu Ribeiro Couto, no *Correio Paulista*, a produção de João do Rio “é o reflexo da vida carioca em vinte anos de civilização em marcha” (COUTO *apud* GOMES, 2005:19).

O recorte mais específico do estudo surgiu no primeiro contato com os objetos: a coluna *Cinematographo* publicada na Gazeta de Notícias e o livro homônimo de 1909. O título adotado por Paulo Barreto remete aos acontecimentos do início do século XX. Era a chegada da técnica no Brasil, dos novos aparatos modernos, do cinema. Esse fato provocou mudanças nas produções culturais, na percepção, nos hábitos e costumes. Algumas crônicas escritas por Paulo Barreto em jornais e revistas foram publicadas em livros organizados pelo escritor. Cabe destacar alguns exemplos como *As religiões no Rio* (1904), *Os dias passam...* (1911) e *Pall-Mall Rio* (1917). Essa mudança de suporte de algumas de suas produções, das folhas de jornais ou revistas para os livros, e a relação estabelecida entre os textos quando ocorre essa adaptação, deram origem a outro desdobramento para a pesquisa, visto que impulsionaram a investigar se o livro era apenas uma coletânea de crônicas da coluna homônima, como parece ser à primeira vista.

A partir disso, objetivou-se uma análise da transposição da coluna *Cinematographo* – publicada semanalmente de 11 de agosto de 1907 a 19 de dezembro de 1910 na Gazeta de Notícias – para o livro homônimo, lançado em 1909. Após uma análise minuciosa do *João do Rio: Catálogo Bibliográfico* (1994), de João Carlos Rodrigues, foi possível perceber que poucos eram os textos da coluna que poderiam ser encontrados no livro.

Contudo, a comprovação efetiva da hipótese do livro de 1909 não ser simplesmente uma reunião aleatória dos escritos publicados na coluna, assim como a definição correta dos textos que estão na obra literária (diferente do que apontou João

Carlos Rodrigues), se deu apenas durante o curso de mestrado, quando foi possível – depois de muitas dificuldades – o contato com os originais na Biblioteca Nacional. Entretanto, não pretendo aqui diminuir a relevância do levantamento feito pelo pesquisador, pois as informações contidas no *João do Rio: Catálogo Bibliográfico* (1994) foram essenciais para esta dissertação.

O desejo de desvendar questões relacionadas à suposta transposição dos textos da coluna para o livro foi fundamental para dar rumo à pesquisa que, primeiramente, me incumbiu da árdua tarefa de resgatar as crônicas que estavam em fontes primárias. Para que o trabalho fosse cumprido, fizeram-se necessárias visitas à Biblioteca Nacional. Foram pedidas as cópias das crônicas não publicadas, a fim de atualizá-las para dar início à investigação. Entretanto, as cópias do microfilme ficaram ilegíveis<sup>1</sup> e é regra da instituição não autorizar os originais de arquivos que já foram microfilmados. Tal problema desnortearia a vida de qualquer pesquisador e comigo não foi diferente. Depois de muitas idas à biblioteca e de muito implorar por esse material, meu pedido foi então atendido. Não há como negar a emoção do contato com o original da primeira publicação da coluna, sensação realmente indescritível. Pensei ingenuamente que o problema estivesse resolvido. Enganei-me. Cada publicação de *Cinematographo* tinha textos tão extensos que, ao serem transcritos para um documento *word*, correspondiam a oito laudas, fato que impossibilitou o resgate das cento e quarenta e sete edições, pois os limites de tempo e de recursos não possibilitariam a digitação desse vasto conteúdo.

Já que no próprio livro *Cinematographo: crônicas cariocas*, João do Rio afirma ser objetivo narrar a vida carioca de 1908, a solução encontrada foi a de fazer o resgate do referido ano; o dos anos 1907, 1909 e 1910 será realizado em estudos posteriores. Após essa difícil e cansativa etapa, foi possível o debruçar sobre a coluna da *Gazeta de Notícias* com o propósito de pontuar suas características, além de revelar como a capital federal e os costumes daquela época eram representados nas crônicas. Com a mesma intenção, também foi estudado o livro homônimo que – como exposto anteriormente –, em um primeiro momento, parece ser simplesmente a reorganização de textos publicados na coluna. O foco, a partir dessas análises, é o de

---

<sup>1</sup> Ver anexo A.

realizar um estudo da transposição da coluna para o livro, enfatizando os critérios adotados por João do Rio para a composição de *Cinematographo: crônicas cariocas* (1909), mas sobretudo verificar como as crônicas que compõem os objetos representam o Rio de Janeiro no processo de modernização.

O primeiro passo foi procurar uma base teórica com o objetivo de entender o momento que tanto encantou João do Rio e se tornou tema de seus escritos; e é esse propósito fundamental do primeiro capítulo. Aqui, a tentativa é a de saltar até o período finissecular para observar a cidade que, naquele período, se queria moderna. As transformações são inúmeras e se alastram por diversas esferas. Desde a tecnologia até a própria sociabilidade, o fato é que se observam mudanças que afetaram verdadeiramente o cotidiano dos cidadãos. Alguns beneficiados com o chamado progresso revelam-se afoitos e animados com a vida moderna; outros, injustiçados, não entendiam bem o que estava acontecendo. Mas, para ser moderno, é permitido tudo: derrubar morros, tirar do povo a própria casa, desrespeitar os limites de alguns; o importante é camuflar as raízes escravocratas que pulsavam na veia daqueles cariocas. Maquiar a cidade e mostrar para todos que o Brasil é um país civilizado, é esse o lema.

Além das mudanças urbanas e sociais, o capítulo tem ainda a intenção de refletir sobre as narrativas da época. Nesse sentido, vê-se a diluição de fronteiras entre a literatura, o jornalismo e o cinema. A arte cinematográfica acabava de chegar ao Brasil, por isso foi tema – e em alguns casos até contaminou a própria produção – de textos jornalísticos e literários, que já dividiam o mesmo suporte. Cada um com sua peculiaridade, a coluna *Cinematographo* e o livro de mesmo nome se mostram como verdadeiros exemplos dessa interseção de linguagens.

A segunda parte desta dissertação tem o objetivo de discutir algumas questões que permeiam a crônica. Não se trata de historiar o gênero, mas de estabelecer relações com alguns pontos importantes para o estudo que ajudem a pensar as crônicas mais vinculadas às atividades jornalísticas e cinematográficas, ou seja, a crônica-reportagem e a cinematografia das letras. Nesse capítulo, será apresentada também uma breve descrição dos objetos de estudo, sendo destacadas as características principais de ambos.

No capítulo intitulado “*Cinematographo: muito além de uma coletânea de crônicas*”, a tentativa é buscar elementos no sentido de provar que o livro não é uma transcrição da coluna e nem uma reunião, sem propósito, de textos do jornal. O olhar recai sobre uma bibliografia que reivindica a participação do suporte material na constituição de sentido. Além disso, acredita-se na produção de significados de outros elementos como: a organização do volume; os títulos e subtítulos; e a própria narrativa. A partir de indícios oferecidos pelo autor, o objetivo desta parte é também entender *Cinematographo: crônicas cariocas* como uma cinematografia das letras.

Para finalizar, *Crônicas cariocas* tem como propósito desvendar, a partir da leitura dos objetos de estudo, o cotidiano carioca durante o ano de 1908. Para isso, serão pinçadas as informações que caracterizam o período de modernização e o dia-a-dia dos que nele viveram para, posteriormente, serem apresentadas as múltiplas facetas do Rio de Janeiro narradas pela crônica-reportagem e pelo “cinematographo de letras” de Paulo Barreto.